

REVISTA

BULUNGA

janeiro de 2023 - número 13

Neste número
entrevistamos um
autêntico

IDIOTA

e mais

Marylin Monroe

Peter Sellers

Mishima

Casamento às Cegas

Who is Zilú?

Viagem de pobre

Xopicentis

Piadas



Editorial

Treze pode ser um número de azar para quem acredita em superstições, mas um inócuo numeral qualquer entre os zilhões existentes nessa matemática maluca que é a vida.

A Revista Bulunga chega ao seu número 13 sem que a grande mídia tenha conhecimento de sua existência; porém, isso não faz a maior diferença para os nossos editores, colunistas e colaboradores, alguns deles de renome internacional (utilizam pseudônimos estrangeiros e por isso podem ser considerados assim), pois o que queremos mesmo é nos divertir, com esses textos que praticamente só nós nos animamos a ler.

Sabíamos disso quando resolvemos lançar o primeiro exemplar, que contou com a participação do icônico ator e cantor Evandro Mesquita, e daí em diante foi relativamente fácil inventar conteúdo para suas aproximadamente 30 páginas mensais, não mais do que isso, pois se escrevêssemos maior quantidade, aí é que as pessoas não leriam mesmo.

O ano de 2022 pode não ter sido tão terrível quanto as aves do mau agouro esperavam, mas foi bem melhor do que os dois anos anteriores, marcados por uma pandemia que causou estrago em todo mundo, mas o brasileiro é criativo e se reinventa a cada instante, tirando de letra os problemas que ainda estão por vir.

Assim, estamos neutros com relação aos acontecimentos atuais, sem paixões políticas ou quaisquer outros tipos de sentimentos, pois passamos da idade para essa espécie de caprichos adolescentes, e assim nos resta encarar os fatos e transcrever a realidade, na linha daquela famosa música de Belchior que dizia: "viver é melhor que sonhar".

O CÉU VAI DESABAR



"Chove chuva. Chove sem parar. Por favor, chuva ruim, não molhe mais o meu amor assim". Esta é a letra de uma música de Jorge Ben Jor, lançada em 1963, que fez um grande sucesso mundial. Dizem que a música, sob a influência da Bossa Nova, foi composta em janeiro daquele ano, quando o cantor e compositor estava na praia, no Rio de Janeiro, a chuva começou a cair e ele foi ajudar uma moça bonita a procurar um abrigo, aproveitando para passar-lhe uma eficiente "cantada", coisa que não se pode mais fazer nos dias de hoje.

Aqueles eram outros tempos, o Brasil não era um país tão chato, cheio de frescurinhas mas, aquela que inspirou o cantor era a mesma chuva de janeiro, quando ocorrem os maiores desabamentos de encostas e inundações pelo país afora.

O ano de 2023 começou com um aguaceiro que é capaz de frustrar muitos políticos, que adoram ver os reservatórios secos para cobrarem tarifas extras de energia elétrica e lucrarem por fora com o aluguel de seus carros-pipa, mas por outro lado também é bom, pois podem fazer obras emergenciais sem a necessidade de licitações.

Chuva é bom, faz crescer as plantas, mas em excesso pode atrapalhar os nossos planos. Deveriam fazer uma lei para proibir chuvas de caírem antes das 20 horas, pois assim daria tempo para a maioria das pessoas chegarem em casa e ficarem numa boa. Podem anotar: é só chegar perto da hora do povo sair do serviço que cai o maior chuveiro.

Quer ver começar a chover? É só lavar o carro. Ou colocar roupa no varal. Escova no cabelo também funciona: é fazer e perder o serviço, pois a água vai deixar tudo arrepiado de novo.

Quando criança, gostava muito de chuva. Adorava sair pisando nas poças, fazia barquinhas de papel para soltar na enxurrada, ou ficar colocando baldes para conter as goteiras, pois para a criançada tudo é motivo para se divertir. Depois de adultos a gente fica besta e deixa de lado esses pequenos prazeres gratuitos. Deixa chover!

IDIOTA

De acordo com a psicologia, idiota é aquela pessoa que sofre um atraso mental, que demonstra falta de inteligência, de discernimento ou de bom senso. Pacóvio, parvo, tanso, tantã, zote, tolo, lorpa, são alguns dos sinônimos atribuídos ao sujeito. O escritor Dostoiévski, contudo, retratou em um de seus livros mais famosos, "O Idiota", já citado em um de nossos números anteriores, como personagem central, o célebre Príncipe Michkin, que era exatamente o contrário dos demais representantes da sociedade hipócrita e corrompida da época (só daquela época), e que possuía uma pureza, uma bondade, uma inocência e uma compaixão sem limites, por isso considerado um inadaptado.

Já o nosso entrevistado não tem nada de puro e muito menos de sublime: demonstra ser uma pessoa comum, cínica e mal-humorada, que não se contém em fazer observações óbvias que na verdade deveriam ser dissimuladas, que passa a se tornar inconveniente quando resolve confrontar a realidade dos fatos, que precisa ser mascarada, para que o convívio em sociedade seja harmonioso e enevoado de bela aparência. Porém, foi uma instigante entrevista, que nos levou a questionar se o idiota era o entrevistado ou o entrevistador.

BULUNGA - Você é um idiota autêntico ou um idiota por conveniência?

IDIOTA - Se eu dissesse que por conveniência, eu não seria um idiota, certo? Assim, enquanto não questionarem a minha autenticidade, posso considerar-me um autêntico idiota.

BULUNGA - E o que o torna um idiota?

IDIOTA - A esperança. Os mais otimistas diriam que ter esperança é algo positivo, mas depende da posição geográfica onde você se encontra. Ter esperança em Zurich, em Oslo, em Mônaco, ou mesmo em Nova York, é uma coisa; outra coisa é ter esperança em Botsuwana, em Bangladesh, em Quito, em Caracas, em Havana. Aí já é idiotice.

BULUNGA - O que você está dizendo tem algo a ver com Capitalismo e Socialismo?

IDIOTA - Não: tem a ver com riqueza e pobreza. Em países ou cidades ricas, certamente, você terá possibilidades REAIS de ter esperança. Em outras, não.

BULUNGA - Também não é bem assim: em todos esses países ricos que você citou, os índices de suicídio são enormes. Maiores do que os registrados em países pobres. Tóquio, é o melhor exemplo, com os maiores índices de suicídio do mundo.

IDIOTA - Nos países pobres que citei, as pessoas não precisam se matar: morrem prematuramente de doenças estúpidas como diarreia ou gripe. Adoecem porque o organismo delas não possui os mínimos elementos básicos para a sobrevivência, como vitaminas e proteínas. Ou mesmo água. Isso quando não são mortas em assaltos, em brigas de rua, por balas perdidas, em acidentes de trânsito, muitas vezes em razão da precariedade das ruas e estradas, ou pela falta de manutenção dos veículos.

BULUNGA - É uma visão um tanto fatalista, mas não deixa de ser real...

IDIOTA - Apesar de idiota, sou realista.

BULUNGA - A visão que tenho de um idiota é daquele cara que baba, que fala besteiras em funerais e festas de criança, e você não parece ser assim.

IDIOTA - Você já perguntou em quem eu votei?

BULUNGA - Aí já entraríamos em questões políticas, o que quero evitar. Afinal, estamos passando por um período delicado em que tudo o que dissermos poderá ser usado contra nós. E podemos ser presos.

IDIOTA - Isso se você falar mal do governo. Se você o apoiar, nada irá acontecer.

BULUNGA - Aí EU seria o idiota...

IDIOTA - Tem razão. Você não é nada idiota.

BULUNGA – E por falar em idiotices, o que você acha do terraplanismo?

IDIOTA – Você já respondeu: uma idiotice.

BULUNGA – Mas, como idiota que é, você deveria apoiar essas idéias.

IDIOTA - Aí eu não seria um idiota: seria um burro, que, inclusive, vocês já entrevistaram.

BULUNGA – Mas não é a mesma coisa?

IDIOTA – De forma alguma: o burro não assimila as informações, enquanto o idiota as assimila de forma equivocada, distorcendo-as completamente.

BULUNGA – Dê um exemplo...

IDIOTA – A ida do homem à lua: o idiota questiona o acontecimento, argumentando que todas aquelas cenas teriam sido filmadas em um estúdio de hollywood, dando ouvidos a teorias da conspiração.

BULUNGA – Dê outros exemplos.

IDIOTA – O silêncio do ex-presidente. Em uma de suas últimas fotos, após o resultado das eleições, ele aparecia com as mãos para trás e os idiotas interpretavam que havia um sinal, como uma mensagem cifrada, dizendo que estaria com os dedos indicador e médio em “V”, e que isso significaria uma breve vitória, e assim deveriam esperar diante dos quartéis.

BULUNGA – Essa foi a maior idiotice de todos os tempos.

IDIOTA – Já tivemos outros exemplos históricos de idiotice: o Big Brother. Quer coisa mais idiota? Milhões de pessoas presas em uma tela vendo ilustres desconhecidos vivenciando situações previamente combinadas.

BULUNGA – Quanta idiotice...

IDIOTA – Faço parte de um grupo seleta de idiotas, com representantes em todas as capitais do mundo, e fizemos uma campanha recente, discretamente veiculada nas mídias sociais: “idiotas somos nós”.

BULUNGA – Triste ter que reconhecer que posso estar enquadrado nesse grupo...

IDIOTA – O ser humano não é tão esperto quanto tenta parecer... Age por instintos, mas insiste em di-

zer que é racional. A razão representa a mínima parte da expressão humana. Os instintos dominam.

BULUNGA – Também não é assim...

IDIOTA – Como não? Noventa por cento das atividades diárias são executadas de forma mecânica. A não ser os filósofos, que passam o dia pensando besteiras, as demais pessoas não precisam raciocinar para cumprirem os seus suplicios.

BULUNGA – “Cumprirem os seus suplicios”... sua visão do mundo não estaria sendo um tanto negativista?

IDIOTA – O que você pode dizer para uma pessoa que acorda às 4 horas da madrugada para pegar dois ônibus e um metrô, levar 3 horas para chegar ao emprego horrível, para ganhar um salário mínimo e voltar para a casa às 21 horas, depois de enfrentar mais três horas no trânsito, para tomar um banho gelado, comer um miojo e dormir, e no dia seguinte reviver toda essa rotina?

BULUNGA – Eu chamaria isso de... suplício.

IDIOTA – Entendeu?

BULUNGA – Você não é nada idiota.

IDIOTA – Isso pretende ser um elogio?

BULUNGA – Infelizmente, não.

IDIOTA – Você pediu-me outros exemplos, então vamos lá: um velho gordo, feio e careca, porém rico, se envolve com uma garota linda de 23 anos e acredita que é amor: o que ele é? Ou o cara que ainda hoje usa máscara de proteção, aquele paninho porcaria que só serve para esconder a feiúra, que não tira nem para tomar banho e a utiliza até ao ar livre, acreditando que isso irá livrá-lo de um vírus altamente mortal. Como você classifica esse cidadão?

BULUNGA – Mas, pelo que vejo, você não faz nada disso... parece ser uma pessoa bastante sensata.

IDIOTA – Contudo, eu é que sou um idiota.

BULUNGA – Você não se revolta por ser chamado assim?

IDIOTA – O idiota faz jus ao título quando se conforma.

BULUNGA – Mas você não parece ser conformado. Ainda demonstra um apurado senso crítico.

IDIOTA – Criticar não adianta nada. Isto é o que vimos acontecer neste país: milhares, milhões de críticos de plantão, dando alento a “fake news” ardiosamente implantados pelos detentores do poder, enquanto os maiores absurdos acontecem descaradamente, diante de uma inversão de valores antes nunca vista, e ninguém faz nada além de tecer suas observações nas redes sociais, que não produzem qualquer efeito. São uns idiotas.

BULUNGA – O que mais poderiam fazer além disso?

IDIOTA – Nada. Absolutamente nada. Apenas reconhecer a nossa própria idiotice, assim como faço.

BULUNGA - O mundo caminha para um processo de idiotização sem precedentes. O Movimento Hippie, de certa forma, deu o pontapé inicial, quando milhares, ou melhor, milhões de jovens decidiram que não iriam mais trabalhar, para ficarem usando drogas e fazendo sexo livremente.

IDIOTA - Tudo isso em protesto contra uma guerra imperialista à qual seriam obrigados a aderir, assim como ocorreu nas guerras anteriores.

BULUNGA - Guerras são sempre idiotas. Alguns homens extremamente poderosos, que não são presos a ideologias, mas apenas a interesses econômicos, resolvem que os povos devem se matar, enquanto eles se divertem, como estivessem disputando uma partida de xadrez.

IDIOTA - E nesses momentos os patriotas se enchem de orgulho de entregarem a própria vida, ou parte dos seus corpos, à nação.

BULUNGA – Diante dos fatos, não tenho mais o que dizer... quer acrescentar alguma coisa?

IDIOTA – Nada mais a declarar. Estou satisfeito em ter contribuído com esta entrevista idiota.

BULUNGA - Ah, vá... não foi tão idiota assim. Ficou até parecendo um "papo-cabeça". Por instantes, imaginei que poderíamos estar em um desses sebos que vendem bebidas em uma ou duas mesinhas colocadas na entrada, enquanto o dono folheia alguns livros enebados e faz citações aos seus poucos e desolados clientes.

IDIOTA - Apesar de ser um idiota, passei dessa fase.

BULUNGA - Eu também...

IDIOTA - De qualquer forma, ser idiota é bastante conveniente. Acalma, alivia a tensão. Você não precisa se preocupar em reagir às provocações. Basta fazer uma cara de idiota e pronto.

BULUNGA - Conforme já havia mencionado anteriormente, você é um falso idiota.

IDIOTA - Como pode dizer isso? Quem mais, além de um idiota, admitiria ser chamado assim? O idiota carece de orgulho, que é uma dos mais fortes sentimentos humanos, e sem ele o homem são e lúcido não se mantém em pé.

BULUNGA - Os derrotados acabam se conformando.

IDIOTA - Mas não sou um derrotado: apenas um idiota. Existem idiotas bem sucedidos. Vejam o exemplo do Presidente dos EUA: é um idiota, mas é feliz sendo Presidente dos EUA.

BULUNGA - O ex-presidente Trump também era um perfeito idiota: aquele negócio de um muro para impedir os mexicanos de entrarem foi uma idiotice de marca maior.

IDIOTA - E aquele topete dele? E aquela sua pele bronzada artificialmente, com tudo branco aos redor dos olhos, por causa dos óculos protetores. Existe algo mais idiota?

BULUNGA - Pelo que percebo, o idiota e o ridículo andam juntos.

IDIOTA - De mãos entrelaçadas.

BULUNGA - Então vamos encerrando a entrevista. Gostei muito de conhecê-lo. Identifiquei-me com suas ideias.

IDIOTA - Você se descobriu um autêntico idiota.

BULUNGA - Mais ou menos isso. Mais ou menos...



Pobre gosta de viajar, mas tem que ficar na casa de parentes, para não ter que pagar hotel. E dorme na sala, em colchonetes mijados ou no sofá cheio de farelos de pão e manchas de iogurte. Dorme de cueca, porque esqueceu o pijama, e ronca que nem um monstro, assustando os vizinhos que passam no hall. Acorda cedo e acaba com todo o lanche, antes que os moradores se levanten, e não é capaz de comprar um só pão para ajudar. No almoço, aparece exatamente na hora de comer, e é sempre o primeiro a servir o prato. Quando tem frango, pega sempre o “jogo” ou o peito inteiro.

Viajar, no Brasil, é bem diferente do que pela Europa. As dimensões do nosso país são continentais, e só para atravessar um estado como Minas Gerais leva muitas horas. E para piorar, as estradas são péssimas. A possibilidade de não chegar ao destino, ou chegar dentro de um saco preto selado é muito grande. Já me safei de muitas situações na estrada e poderia nem estar aqui escrevendo este artigo, não fosse o trabalho extenuante de meus anjos da guarda. Também já passei uns sufocos viajando de avião, mas o que mais me irrita nesse meio de transporte é a demora para se chegar ao destino, considerando o deslocamento até o ae-

VIAGEM DE POBRE



roporto, o tempo de espera para o embarque, o voo propriamente dito, o desembarque e o percurso até o destino, o que faz com que a viagem de carro, dependendo de qual for o roteiro, possa ser mais rápido e muitas vezes mais barato.

Procuro sempre me hospedar em hotéis não muito ruins, e por isso leio com atenção a classificação dos usuários no Booking ou no Tripadvisor, procurando não dar atenção a clientes malucos que só querem denegrir a imagem do hotel, e para isso procuro confrontar as avaliações negativas com as positivas. Tem gente que sai procurando manchinhas atrás das cortinas, chicletes no canto dos carpetes, reclama que não tem quiwi na salada de frutas, entre outros itens que normalmente passariam batidos para quem é normal.

Não tenho muita frescura, principalmente se me lembrar dos muquifos em que já me hospedei nos tempos em que era muito mais pobre, sendo que a mais inesquecível experiência aconteceu há longos anos, pra lá de 20, no Clube Cambuí, que ficava para os lados da cidade de Oliveira, em Minas Gerais. O clube estava meio abandonado, fiquei sabendo depois que cheguei, e era administrado por grupo de aventureiros que não possuía a mínima habilidade para tocar o negócio, e só posso dizer que depois que chegamos (éramos quinze pessoas viajando em três carros compactos),

soubemos que havia apenas dois apartamentos para todo mundo, sendo que cada apartamento contava com duas camas beliches e alguns colchonetes velhos, todos com muito ácido úrico ressecado, para acomodar o grupo. Minha cunhada ficou com a família, o marido e três filhos, em um apartamento e oito ficaram com o outro. Um casal resolveu dormir no carro.

No quarto em que ficamos, que não passava de 2,5 m x 3m, o estrado de um beliche estava quebrado. Assim, duas crianças dormiram na parte de baixo, duas mulheres na parte de baixo do outro beliche, uma na parte de cima, dois no chão do corredor entre as duas camas e um no chão do banheiro. Vale dizer que um dos hóspedes, o que dormiu no banheiro, teve uma forte diarreia logo no primeiro dia.

Chegamos na hora do almoço e fomos direto para o restaurante. Perguntei ao garçon quais seriam as opções do cardápio, e ele respondeu meio debochado: comer ou não comer. Foi aí que percebi que a coisa não iria bem. E tínhamos que atacar rápido o self-service, pois a comida acabava em pouco tempo. O café da manhã se resumia a café com leite e pão com manteiga. Melhor não podia ser.

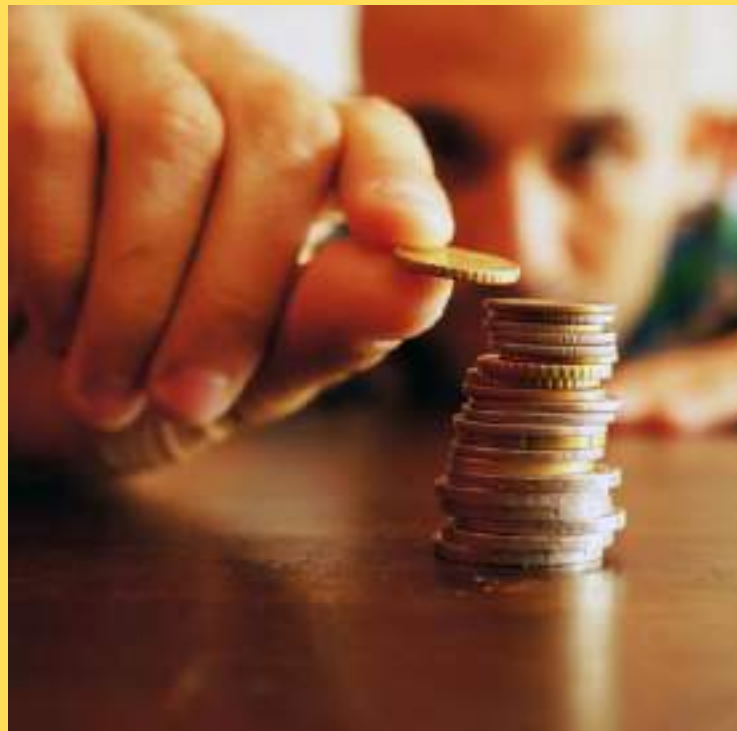
Mas o mais legal de tudo era a piscina com ondas. Sim, tinha uma piscina com ondas, e funcionava. Os farofeiros caíram matando, era uma emoção danada, mas numa certa altura percebi que havia uns Chokitos flutuando na água, mas lembrei-me que a na lanchonete não vendiam Chokitos...

Enfim, conseguimos ficar naquele lugar por dois dias, mas a minha cunhada e a família ainda insistiram em ficar outros dois, e acabou todo mundo contraindo uma forte intoxicação alimentar.

Mas essa não foi a pior experiência. Certa vez, viajei com minha família para Guarapari, no Espírito Santo, éramos quatro pessoas e o apartamento tinha somente um quarto, até aí tudo bem, pois sabíamos que na sala havia um sofá-cama, que dava para comportar duas pessoas confortavelmente, mas para nosso desespero chegaram mais duas famílias, nossos tios e primos, cada qual com cinco pessoas, e aquela

que seria uma viagem de férias se transformou em um suplício. Na cama que caberiam duas, dormiram quatro. Eles trouxeram colchonetes e colchões infláveis, e teve gente espalhada pelo chão da sala, na cozinha e até no banheiro. Isso não seria nada se não fosse a falação das tias e a brigaída com seus maridos, menino chorando, fila para ir ao banheiro, comida que não dava para todo mundo, bem parecido com a experiência do Clube Cambuí.

Mas uma das viagens mais inesquecíveis aconteceu em uma cidade no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, onde haveria um Festival de Inverno, e eu só tinha o



dinheiro da passagem de ida, pois acreditava que poderia ganhar alguns trocados apresentando performances teatrais e vendendo algumas peças de artesanato que levei na mochila, mas sabia que poderia dormir em um alojamento junto com outros artistas.

Acontece que um deles roncava tão alto que parecia uma turbina de avião. Todos combinaram de encontrar quem tinha a meia mais suja, e foi com ela que conseguimos abafar um pouco o ronco, quase socando a meia suja e melada em sua garganta, mas nem assim ele acordou.

O auge dessa experiência exótica foi uma coreografia realizada no vestiário masculino, por uma dupla de gêmeos, chamada "A Dança dos Pintos". Os dois garotos, pelados, faziam uma dança grotesca, balançando os respectivos órgãos mijadores para um e outro lado, nos fazendo lembrar de Charles Chaplin, com os seus pãezinhos no filme "Em Busca do Ouro".

Enfim, nós é pobre, mas se diverte.



MARYLIN MONROE

Algumas pessoas podem questionar o perfil aparentemente machista desta revista (mentira, estão todos se lixando pra isso), pois, afinal, só homenageamos personalidades masculinas, quase sempre ligadas ao humor, mas o fato é que poucas mulheres se enquadram nessa modalidade, pois parecem preferir (ou só oferecem a elas essas oportunidades) se dedicar à arte da sensualidade, o que acaba por afastá-las do característico deboche, do grotesco, do ridículo, mas temos uma exceção: Marilyn Monroe. Comédias como “Os Homens Preferem as Louras”, “Como Agarrar um Milionário”, “Quanto Mais Quente, Melhor”, e “O Pecado Mora ao Lado”, os dois últimos dirigidos pelo sensacional Billy Wilder, comprovaram o seu talento como atriz, pois conseguia, como poucas, demonstrar uma vulnerabilidade que tanto alucina a maioria dos homens, interpretando o eterno papel da “loura burra”.



Mas Marylin não era nada burra: apenas tinha problemas, que de certa forma foram retratadas no péssimo filme da Netflix, “Blonde”, porém, com uma sensível interpretação da atriz Ana de Armas.

Marylin nasceu Norma Jean Mortenson, em Los Angeles, em 1º de junho de 1926. Era uma garota qualquer, nem tão bonita assim, e poderia ter acabado gorda e velha em um balcão de lanchonete de estrada, não fosse uma foto que tirou pelada, o que a levou para o cinema, começando com filmes de curta-metragem, quase sempre fazendo comédias.

Obviamente, teve que ceder ao assédio de produtores e diretores da indústria cinematográfica (e de grande parte do corpo

técnico) para chegar onde chegou, mas a verdade é que ela possuía um talento peculiar, tornando-se um ícone mundial.

Ficou mais conhecida pelo envolvimento com os irmãos Robert e John F. Kennedy, este último o mais famoso Presidente dos EUA, e dizem ter sido assassinada como queima de arquivo, mas o fato é que já abusava de remédios controlados, e existe a possibilidade de ter se excedido no uso, o que jamais conseguirá ser apurado.

Sua infância foi muito conturbada, nunca soube quem era o seu pai e a mãe prematuramente passou a desenvolver uma esquizofrenia paranoide, o que a obrigou a morar com diversas famílias, tendo sido abusada sexualmente aos oito anos de idade.

Entre seus relacionamentos, destaca-se o diretor Elia Kazan, o jogador de beisebol Joe DiMaggio, o escritor Arthur Miller, além de casos com os atores Marlon Brando, Yves Montand e o cantor Frank Sinatra, sem deixarmos de fora os irmãos Kennedy.

Marylin abusava do uso de barbitúricos e anfetaminas, para tentar amenizar sua ansiedade e uma insônia crônica, e isso provocava enormes atrasos nas filmagens e esquecimento de falas, irritando produtores, diretores, técnicos e elenco.

Mas ela possuía uma sobrenatural capacidade sedutora, utilizando com extrema habilidade seus dotes voluptuosos, associados aos cabelos platinados, aos olhos semicerrados e a voz sussurrada e infantil, o que levava ao delírio uma grande parcela de homens inseguros que fogem de mulheres de personalidade forte.



XÓPICENTS

"Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra modi a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gostoso
Mas eu prefiro aipim

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia."

Chopi Centis
Mamonas Assassinas



Em Belo Horizonte, onde moro até o momento, não há nada a fazer além de passear em shoppings. Acho que já falei sobre isso. Mais de uma vez. Existem uns poucos parques malcuidados, além dos bares, muitos bares. Ou botecos, como os belorizontinhos gostam de dizer. Como não gosto de boteco, vou aos shoppings.

Engraçado ver as gordinhas tomando sorvete e deixando cair na blusa. Elas passam o guardanapo de papel que só ajuda a espalhar a lambança. E continuam lambendo o sorvete como se nada tivesse acontecido. As crianças fazem pirraça, querendo comprar algum brinquedo, começam a gritar pelos corredores, se esparramam pelo chão, e os pais dizem que comprarão na volta. Mas nunca voltam.

Em minhas viagens, quase sempre procuro um shopping para almoçar ou jantar. É mais prático do que sair procurando aleatoriamente, mesmo sabendo que, na maioria das vezes, a comida não será grande coisa, nem será tão econômica (para não falar "barata", porque no prato não vai bem) do que encontraria lá fora. Na maioria das vezes, as pessoas são levadas a comprar alguma coisa inútil em uma das lojas no caminho do restaurante à saída (ou quem compra nas lojas é levada a comer) e é o que sustenta os lucros avassaladores do empreendimento, que já seria um sucesso apenas pelo que é cobrado nos estacionamentos.

Dia desses, resolvi pegar um cinema, para assistir "Avatar 2" em 3D (veja a coluna "Spoilers"), mesmo já tendo assistido o primeiro episódio (que é quase igual), de uma possível série que virá por aí, contando a história manjada de seres gigantes e azuis, que travam batalhas homéricas com os humanos, que querem explorar as suas terras. Algo parecido com o que fizeram na África, na Índia e nas Américas do Sul e Central.

Mas tem muita gente que vai aos shoppings não necessariamente para comprar. Os bicudos ficam apenas passeando, chegam de ônibus ou vão à pé, mas o apelo para quem entra nesses templos do consumo é grande: a começar pelo cheiro de perfume hipnotizante que exala pelos sistemas de ar, pelas fantásticas vitrines, ou mesmo pela praticidade de se comer em alguns dos restaurantes ou lanchonetes que quase sempre vendem uma comidinha mentirosa, mas tudo faz parte de uma ilusão que leva o frequentador a gastar desnecessariamente. E não adianta reclamar: colocou o pé no shopping, começa a gastar.



Conforme os frequentadores já devem ter percebido, todos eles observam um mesmo padrão estético, colocando as lojas mais populares nos primeiros andares e as mais sofisticadas nos últimos, e o interessante é que o povão mal se atreve a subir, preferindo ficar batendo pernas junto à poeira do chão. Existem exceções, como o Shopping Patio Batel, em Curitiba, que começa com lojas do tipo Hermenegildo Zenga, Gucci, Louis Vitton, Ricardo Almeida, entre outras. O mesmo ocorre nos shoppings Iguatemi e Jardins, em São Paulo, sendo que os mais humildes jamais teriam coragem de entrar nessas lojas. Pois eu arrisquei entrar em uma dessas, mas o vendedor tratou-me



com tanta comiseração que resolvi sair rapidamente dali, e acho que até pedi desculpas por ter entrado naquele lugar.

Mesmo se eu tivesse muito dinheiro, não cairia nas armadilhas dos shoppings. Ou melhor, já caí, mas superei, e hoje posso transitar tranquilamente pelos corredores sem aquela curiosidade de entrar e escolher algum produto supérfluo.

Mas as mulheres enlouquecem, e os shoppings foram feitos exatamente para deixá-las completamente desnorteadas. Podem observar, mas por todos os cantos existem fotos de mulheres exuberantes, o que ativa a competitividade feminina, e todas querem ser como elas, por isso compram e compram sem parar, enquanto os homens aguardam pacientemente sentados nos sofás dispostos pelos corredores.

Fácil observar que existem poucas lojas especializadas em produtos masculinos. Dessas, uma boa parte é dedicada ao público gay, que consome em pé de igualdade com as mulheres. Mas as roupas não são necessariamente "másculas", e com toda a certeza não cairão bem no corpo de um ogro barrigudo e cheio de pelos.

Outra coisa que anda raro de se ver em shoppings são lojas de brinquedos. Uma, não mais do que isso, pois os empresários sabem que a maioria dos pais estão mais preocupados consigo mesmos, e se os filhos ficarem fazendo muita pirraça para entrarem nessas lojas, perderão um



tempo que poderia ser dedicado ao culto do próprio ego, e por isso muitos nem mesmo aceitam levar suas crianças aos templos do consumo, preferindo se fazer acompanhar de seus cachorrinhos, moda que parece ter pegado de vez, e assim vemos madames e marmanjos transitando pelos corredores com os seus pets chatinhos e mimados, muitos deles usando roupinhas de griffe.

Só não sei o que acontece quando um deles resolve se aliviar por ali mesmo, se chamam a faxineira de plantão ou o segurança, ou se deixam os dejetos estacionados no local. Coisa mais besta.



Divulgar a literatura, autores consagrados e independentes. "SEBO & ARTE" se propõe a oferecer o melhor acervo de livros novos, usados e raridades.

Loucos por livros e leitores vorazes, imaginamos unir o útil ao agradável e levar até você a nossa experiência em literatura, oferecendo os melhores produtos e atendimento.

Criamos a "SEBO & ARTE" para extravasar a nossa paixão.

Compartilhe também o seu amor por livros e conhecimento.

SEBO & ARTE

SEBOEART.COM





Casamento já é um troço difícil, mas agora imagine-se casar com alguém que mal conhece, apenas escutando a voz, cada qual em sua cabine, só imaginando como seria a aparência da pessoa? Esta é a proposta do reality da NETFLIX, "Casamento às Cegas", obviamente, uma "franquia" de um famoso programa norte-americano, que já entrou, no Brasil, em sua segunda edição. Mas a coisa não é bem assim "às cegas": após o pedido de casamento, quando ainda não se viram e depois de conversarem com vários pretendentes, os proponentes tem a opção de desistirem no ato ou partirem para a "experiência", com a prévia de uma lua de mel, em um local paradisíaco, e depois em um flat oferecido pela produção do programa, até que os casais possam decidir no altar, 30 dias após o início da experiência, se falam "sim" ou "não". Depois que saem do confinamento, vão conhecer a família e os hábitos do pretendente, e aí a maioria já começa a pensar em desistir, mas o combinado é que a decisão só aconteça no altar, diante dos convidados das famílias, pois barraco é o que mais dá ibope.

Normalmente, metade dos participantes aceita se casar e a outra metade pula fora. Passado um ano, a produção volta a fazer contato com os casais, e praticamente todos já se separaram.

Outros voltaram a namorar entre eles, tiveram um rolo com outros participantes, brigaram, disseram coisas que não poderiam ser ditas, se reconciliaram, essas coisas que acontecem entre os humanos.

Mas o episódio mais bizarro aconteceu nesta última edição, quando um rapaz se interessou por duas mulheres, uma médica, rica, bonita, e a outra, uma mãe solteira, feia, gorda, toda tatuada, os peitos quase atingindo o umbigo, sem que ele soubesse como eram as duas, e depois de certa altura, passou a esnobar a bonita, sendo até grosseiro, e escolheu a feiosa, todo empolgado. No grande dia de se conhecerem, quando as portas se abriram, a decepção foi indisfarçável.



Isso me fez lembrar aqueles programas de auditório, em que a criança fica dentro de uma cabine com um fone de ouvido e o apresentador pergunta se ela quer trocar um carro zero por um chinelo velho e ela aceita, para o desespero dos pais.

Normalmente os "noivos" correm um para o outro, se abraçam e se beijam, mas o rapaz não tinha como esconder sua decepção, dando uma espécie de "ippon" na mulher, para não ter que beijá-la. E sumiu do programa.

Isso prova que o amor não é assim tão cego. É óbvio que entram outros fatores como a "química", que tem seu o seu valor, mas não podemos desprezar a impor-

tância da atração física, e que "quem ama o feio, bonito lhe parece", mas muitas vezes é necessário mais do que os arranjos de um reality show para despertar um verdadeiro amor.

Vinícius de Moraes, famoso poeta, já dizia "perdoem-me as feias, mas beleza é fundamental", o que também vale para os homens, mas o fato é que tem muita gente com um baita mal gosto, e por isso até pode dar certo.



WHO IS ZILU?

Zilu Camargo, ou melhor Zilu Godoi, é a ex-esposa de Zezé Di Camargo, da dupla formada com o irmão Luciano, ou melhor, de Zezé e Ele Mesmo, pois sem o Luciano não faz diferença alguma.

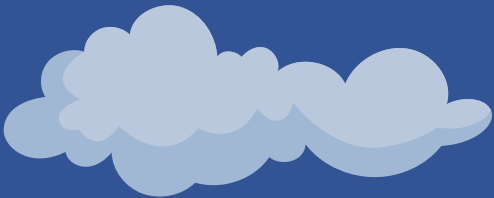
Ela não é mencionada no Wikipedia, embora se ache uma celebridade, e comenta-se que é empresária e designer de jóias. Mas o que se sabe é que ela tem olhinhos miúdos e muito juntos do nariz, e tem uma cara de travesseiro, de tanta coisa que aplica no rosto, para não parecer a idade que tem, mas que parece que tem mais, mesmo não se sabendo quanto é, pois não revela nem a pau. E nem precisa, pois as pessoas continuam perguntando ansiosamente: quem é Zilu?



Recentemente, foi criticada por aplicar muitos “filtros” em seu rosto (veja o desastre ao lado), em suas fotos na internet, pois as incontáveis intervenções cirúrgicas que fez já não permitem esticar um só centímetro, sob o risco de estourar a pele.

Faz parte do mesmo time de gente que aparece na mídia por conta de barracos ou esquisitices, a exemplo da Gretchen, mas aquela ao menos lançou algumas músicas com letras dedicadas ao culto das nádegas.

Zilú reclama até hoje da separação, quando foi trocada por uma garota mais nova, Grazielle Lacerda, sendo que nunca se recuperou disso, e as duas ainda trocam farpas nas redes sociais, inclusive, com o ex-marido entrando na jogada, e também a filha, Wanessa Camargo, que terminou o seu casamento com o empresário (de quê?) Marcos Buaiz e voltou para o ex-namorado, o badboy Dado Dolabella, que venceu um reality show de uma forma bem esquisita, mas esse babado doido está mais parecendo coisa de revista de fofoca. Fui!



CONVERSA DE CRENTE

por JORGE F. ISAH



Em um mundo no qual diariamente ouvimos falar de crimes, catástrofes, imoralidades e desprezo aos fundamentos mais caros à vida humana, perguntamo-nos: por que, e de quem é a culpa?

Nos últimos séculos, tem-se difundido uma culpa coletiva por algo que o indivíduo pratica, como se todos aqueles que nunca cometeram algum crime se tornassem responsáveis ou coautores daquele que o cometeu uma, duas ou mais vezes. Essa é uma maneira do homem esquivar-se da responsabilidade que cabe, exclusivamente, a si mesmo. Conceitos sociológicos, antropológicos e psicológicos, cada vez mais, tiram do indivíduo a culpa por algo somente cometido por ele, e do qual é o único responsável, transferindo-o a um "ente" coletivo, a uma criação teórica, fruto apenas e tão somente da imaginação deficiente de quem a propõe. E esta não pode ser uma verdade, não pode ser comprovada pela realidade; mas há uma insistência quase psicótica em se designar um culpado sem culpa (pode ser a sociedade, o capitalismo, a igreja, etc.) tirando-a do verdadeiro artífice: o indivíduo.

O homem tem a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, e se opta pelo delito ou crime, qualquer que seja o seu motivo, ninguém o fez por ele, mas ele decidiu fazê-lo por si mesmo. A fraqueza, ignorância, ou a coação, não são argumentos para isentá-lo, quanto mais alegar uma indução coletiva sobre a pessoa, como se um ser metafísico simbolizasse a mente e a razão de multidões sobre a ação e vontade de uma única alma. Ninguém é obrigado a nada, ainda que forçado, ainda que sem aparente saída, pois sempre a recusa é uma opção em qualquer situação, e ninguém está autorizado a não aceitá-la como legítima. De forma que o objetivo central é a prevalência da suposta inocência sobre a responsabilidade, sendo que alguém somente pode se considerar inocente quando usa o predicado de ser responsável; o leviano não pode apelar à ingenuidade por defesa. Não há ausência de culpa

sem o exercício da sensatez; pelo contrário, a ilicitude do ato praticado é que o torna em crime, e quem o realiza em condenado. Se até mesmo os animais sabem quando incorrem em um erro...

Por exemplo, a minha cachorra, uma labradora, quando apronta alguma traquinagem, ao ouvir os meus passos, coloca-se em uma posição submissa, na defensiva, preparando-se para receber uma repreensão, olhando-me como se estivesse a pedir desculpas. Se até mesmo os débeis mentais têm noção dos seus erros, e muitos deles têm sincero arrependimento por tê-los cometido, e assim, por quê o homem saudável não o pode ter?

Quanto ao impenitente, aquele que comete um crime com a cara mais limpa do mundo, o arrependimento não é uma palavra a se considerar em seu dicionário, mas está ausente, porque é-lhe mais conveniente praticar livremente o desejo mais íntimo do seu coração: o mal como o anseio máximo da alma, o delito por ofício. Ele certamente dirá que fez e fará de novo, se a oportunidade surgir, e não tem de se arrepender por nada. Porque o pensamento "humanista" absolve-o, ao diz-lhe não haver motivos para arrependimento, pois a culpa não é dele, mas da sociedade, que em sua maioria desconhece-o, mas foi capaz de levá-lo, induzi-lo, a cometer o pecado contra si mesma. Em linhas gerais, a sociedade ou um grupo (como os cristãos, por exemplo) é capaz de fomentar criminosos para o seu próprio prejuízo e dano; e, convenhamos, é uma ideia insana e absurda. A mensagem passada é a pior possível: indivíduos não são responsáveis por seus atos, mas sim um ente coletivo que sequer o desejava, e em nada colaborou para a sua prática. O humanismo moderno resume-se ao ódio ao homem e ao amor a uma ideia deficiente e postiça, travestida com uma roupagem de bondade e piedade, surrupiadas do Cristianismo.

A própria noção de culpa encontra-se destituída de significado, pois ela repousa sobre um entidade presumível, contudo, não tem uma mente, um corpo

ou alma, a sintetizá-la, incorporá-la ou defini-la. Em uma sociedade, encontraremos indivíduos díspares, ainda que seja possível alguns, ou muitos deles, envolverem-se em projetos e grupos com objetivos comuns. A igreja, por exemplo, é um ajuntamento de crentes com o intuito de glorificar a Deus e realizar a obra que lhe foi dada a fazer. Ainda que retratada na Escritura como "Corpo", não se quer anuir com a exclusão das individualidades em prol de um coletivismo bovino, mas de que cada indivíduo, motivado pelo Espírito e pensando de per si, trabalhará e laborará para um intento comum. Nesse percurso, pode haver divergências, contrariedades, erros, confrontações, e uma série de eventos distintos a fortalecerem ou enfraquecerem o resultado final, implicando mesmo na saída de um ou outro daquele grupo específico de trabalho. E isso acontece exatamente por conta da individualidade e da responsabilidade assumida, pessoal e única.

Assim, cada vez mais é difícil encontrar, na igreja, pessoas comprometidas com a responsabilidade, seja dos seus líderes ou dos demais membros, negando, em muitos casos, qualquer possibilidade de se aplicar a disciplina eclesiástica, como uma afronta ao indivíduo, já que ele se considera imune a qualquer sentido de organização, com o discurso enganoso de dever apenas satisfação a Deus, um Deus que ele não vê nem conhece ou obedece, a quem subjaz apenas como artifício para se manter em rebeldia e insubmissão à autoridade do "Corpo". Em sua mente, acredita possível viver nele estando amputado ou extirpado, como se uma mão conservada em um vidro de formol na prateleira de um museu de anatomia ainda estivesse ligada ao organismo original.

Segue-se, também, o não reconhecimento do conceito de "pecado" e "arrependimento", levando o homem inicialmente à estagnação e, posteriormente à degradação do seu ser e do próximo. Quando não se reconhece os erros, e sua existência passa a ser algo meramente relativa, sem um caráter absoluto, o homem não somente não se corrige a si mesmo, mas torna-se incapaz de aperfeiçoar-se, de aprender com suas falhas. Há pessoas convictas afirmando não se arrependerem de nada, pois o arrependimento não existe, ao que as interrogo, dizendo: como, então, você aprende?

Na maioria das vezes, elas dizem não se arrependerem, mas são as mais exigentes e impiedosas com os erros alheios, e as mais prontamente dispostas a cobrar uma retratação e uma punição por crimes muito menores do que o cometido por elas mesmas. O que vale para elas não vale igualmente para o próximo e vice-versa. Na mesma linha de pensamento e aplicação dos fariseus, elas, em sua hipocrisia, não conseguem perceber a incoerência de suas vidas, obstinadas em punir qualquer um que se levante contra o seu senso particular de justiça. O que se vê, com maior frequên-

cia, são pessoas com o seu senso privado de justiça impondo-a a outras sem que haja a contrapartida. Para ela e seu diminuto grupo, tudo; para os outros, nada. Se a ideia de democracia indica um governo da maioria sobre a minoria (uma minoria ainda que numericamente significativa), temos hoje a supremacia de um governo da minoria (esta significativamente diminuta) sobre a maioria, e ainda querem apregoá-la como a "verdadeira" democracia, quando, em seu bojo, constitui-se em autoritarismo ditatorial. Para isso, a supressão da verdade, a transgressão da linguagem e do seu sentido, a propagação da mentira, o discurso farsesco, e o fingimento, são implementados com ardis, sutilezas, um apelo à piedade e ao bem-comum ignorados, ridicularizando a ordem para salvaguardar o caos. E o caos é benéfico para a manutenção ou a tomada do poder, mantendo pessoas ignorantes e alienadas a circundá-lo.

Ao contrário de toda a lenga-lenga modernosa de não culpabilidade do homem, a Bíblia afirma ser ele responsável por seus atos, e por eles será julgado. Quando a humanidade se considera a si mesma detentora da verdade, da sabedoria e da justiça, temos um mundo cada vez mais eivado na mentira, na estultice e na injustiça. A soberba levou-nos ao rompante de cogitarmos um mundo sem Deus, mas ainda mais, um coração onde Deus não pode habitar, pois é prescindível. A ideia da descartabilidade divina somente ganhou contornos de veracidade a partir do momento em que o homem considerou-se superior ao ponto de negá-lo, odiá-lo com todas as forças, e, em um acesso tresloucado, considerou-se autossuficiente e autônomo, rejeitando tanto a sua bondade como a sua santidade, de onde deriva a moral e justiça. Coincidentemente, foi a mesma pretensão de Satanás; em sua vaidade e orgulho, considerou-se "livre" de Deus, querendo usurpar-lhe o trono celeste e tomá-lo para si. Ele, ao menos, sabia o que desejava, enquanto o homem busca apenas satisfazer-se a si mesmo em sua natureza caída, sem almejar trono ou coroa, muitas vezes apenas chafurdando na lama como um porco.

Por isso a tradição judaico-cristã é vista como inimiga da humanidade, ao colocar freios e coibir a vazão dos instintos mais vis e sórdidos ansiados pela alma enferma e fraca do homem sem Deus. Acontece, contudo, não haver homem sem Deus, no sentindo do simples fato do homem não o reconhecê-lo e abandoná-lo significar não estar sujeito à sua autoridade e juízo. Esta é a tolice máxima, pois eu posso, por exemplo, não acreditar na Lua como um satélite terrestre, e pensar ser uma miragem, fruto talvez de uma psicopatia coletiva e sugestiva infundida por um gene defeituoso a levar todas as pessoas e, inclusive, eu, a acreditarem na existência lunar. A verdade é: independente do que eu pense, a Lua continuará existindo, mesmo se a humanidade decidir ou optar, sabe-se lá por qual motivo, por sua

inexistência.

Isto posto, não há como duvidar do lugar onde esse caminho, trilhado pelo homem moderno, descambará: injustiça, mortes, desolação, e um poder ainda mais concentrado nas mãos de poucos a decidirem o destino de muitos. Parece-me que Satanás e seus servos estão ganhando a batalha, iniciada no Éden, contra o homem. Ao insuflá-lo à autonomia, a desordem interior, como consequência da rebelião, tornou-se evidente, e a motriz de uma existência desgraçada e permeada pela autodestruição, pelo aniquilamento do supremo bem, a solidificação da ofensa e das feridas a permear-lhe a alma, a abater a consciência, a afastá-lo da verdade. Enquanto tem a corda em volta do pescoço, espera paciente a árvore crescer para servir-lhe de força.

Ao afastar-se de Deus, o homem entregou-se

a si mesmo, como o pior dos inimigos com o qual se mantém uma amizade descuidada, suicida. Especialmente por considerar-se autossuficiente, quando não o é; bondoso, quando não o é; generoso e fraternal, quando não o é; ainda que manifestações gerais dessas virtudes se deem exclusivamente pela "ímago dei" existente no homem, mesmo no pior espécime. Se há resquícios de benignidade e de longanimidade no homem, existe somente pelo que ainda lhe resta de Deus no coração, e não pelo que é, a partir da negação de Deus, mas pelo que ainda não pode ou não conseguiu rejeitar dele.

Até o dia em que a rejeição o levará à morte definitiva; a eterna separação de Deus. E cada um será justamente condenado por seu pecado.



FRETE
GRÁTIS
EM TODO
SITE!

seboearte.com



PETER SELLERS

o vendedor de risos

por Guido Malaparte

É provável, em algum momento, você ter ouvido falar ou visto um dos filmes de Peter Sellers. Por três décadas, ele formatou o estilo de humor refinado, sofisticado, meio desastrado, as vezes irônico (muito humor negro), em outros caricato, mas sempre genial. É considerado justamente um dos maiores humoristas de todos os tempos. Versátil, se aventurou por todos os gêneros interpretativos e artísticos, inclusive imitando celebridades, tocando bateria em sketches e shows e, vez ou outra, atuava em papéis dramáticos. Como ótimo artista, se saía bem em quase tudo, do ponto de vista profissional, enquanto a vida privada se arrastava aos trancos e barrancos, em meio aos constantes ataques de insegurança e depressão. Certa vez, em uma entrevista, disse não saber o porquê de as pessoas gostarem do seu trabalho, pois odiava praticamente tudo o que fazia; à revelia das inúmeras influências deixadas em astros como Steve Martin, Robin Williams, Martin Shore, Dudley Moore e tantos outros.

Nascido em Hampshire, Inglaterra, Richard Henry Sellers, era filho de Peg Marks e Bill Sellers, artistas de Vaudeville. Desde pequeno Richard, cujo irmão mais velho Peter nasceu morto, atuava nos palcos juntos aos pais e o avô. Estranhamente, todos na família o chamavam de Peter (talvez venha daí a sua vulnerabilidade emocional), então decidir-se pelo nome artístico não foi involuntário, apesar de haver aquela fibra de ironia e sarcasmo, típico dos seus maneirismos pessoais e caprichos estilísticos. Tornou-se no que já era ou ficou conhecido: Peter Sellers.

Dos palcos, após um interlúdio na II Grande Guerra quando se voluntariou, migrou para o rádio onde misturava música e esquetes cômicas e entre seus colegas estava o ator Dudley Moore. Contratado pela BBC por causa do seu talento nato em imitar vozes de famosos, teve grande sucesso sob a batuta do produtor George Martin, que se tornaria o “quinto” Beatles, de quem Peter seria grande amigo.

Estreou no cinema em 1951, em *Penny Points to Paradise*, daí em diante não parou mais, intercalando a presença nas telas com a dublagem de filmes. Teve o primeiro grande papel em 1955, ao viver um dos criminosos em *Quinteto da Morte*, *The Ladykillers*, cujo remake teve Tom Hanks no papel principal (no Brasil, *Matadores de Velhinhas*, de 2004). Como protagonista estreou em 1959 em *I'm All Right Jack*, cujo título em português, horrível por sinal e quase invariavelmente são ruins, chamou-se *Papai é nudista*.





Dirigiu a primeira película em 1961, Mr. Topaze (BR:A solidão da riqueza), onde também estrelou.

Contudo, o auge artístico se deu nas décadas de 1960 e 1970 onde construiu sua carreira magistral e insólita, primeiro sob a direção de Stanley Kubrick, em Lolita (baseado na obra homônima e polêmica de Vladimir Nobokov), em 1962, e posteriormente Black Edwards, com quem faria diversos filmes, inclusive a saga A pantera cor-de-rosa, onde viveria o atrapalhado e desastrado Inspector Closeau, certamente o mais icônico dos seus personagens. A partir dessa estreia, em 1963, Sellers se tornaria um nome mundialmente conhecido e seria um enorme sucesso de bilheteria.

Em 1964, novamente sob a regência do exigente e meticoloso Kubrick, Peter interpretaria três personagens, um alemão, um britânico e um americano, em Dr. Fantástico (Dr. Strangelove of: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb), e lhe renderia a indicação ao Oscar de melhor ator, por sua marcante e polivalente atuação.

Ele contracenou com Sofia Loren (por quem se apaixonou, mas não foi correspondido), Goldie Hawn, o amigo Ringo Star, George Sanders, Shirley McLaine, Ursula Andress, David Niven, Robert Loggia, Melvyn Douglas, Richard Basehart, George C. Scott, Shelley Winters, James Mason e tantos outros renomados nomes do cinema mundial, como os diretores Vittorio de Sica, Billy Wilder e John Huston, além de ser o primeiro homem a figurar na capa da revista Playboy (vestido, claro!).

Enquanto obtinha estrondoso sucesso, por causa do seu temperamento difícil e encenqueiro, fruto da insegurança e depressão, diretores e atores começaram a evitá-lo, rejeitando-o nos sets; e filmes antes inevitavelmente destinados a ele tomaram outros rumos pelas mãos de atores não tão geniais mas menos voláteis. Instável emocionalmente, começou a beber e usar drogas, a culminar em grave lesão cardíaca decorrente de uma série de enfartes quase fulminantes, em 1964, obrigando-o a implantar um marca-passo em 1970... o seu coração jamais seria o mesmo.

Casou-se quatro vezes, sempre em relacionamentos tumultuados, nos quais os filhos acabaram sendo envolvidos e, quando morreu, a despeito de tentar anular o testamento em favor da última esposa, a atriz Lynne Frederick, ela acabou herdando toda a sua fortuna após a sua morte e todos os seus direitos autorais, cabendo a cada um dos filhos o valor simbólico de \$800,00 (oitocentas libras esterlinas)... Mas, chega de fofocas, porque não é o que nos interessa...

Sellers foi um dos maiores gênios do cinema, e as atuais gerações pouco ou nada sabem dele. Infelizmente, a sutileza, a ironia e, porque não, o sarcasmo de seus personagens, roteiros e direção, deram lugar às peças vulgares, infames e apelativas (óbvio, não estou a generalizar, mas em sua maioria são estúpidas e sem graça) de forma que, se não

fosse por um ou outro remanescente do velho humor, mesmo remodelado, o que é natural, o estilo já estaria morto. Neste aspecto, o politicamente correto, o outro lado da moeda, trabalha sempre contra o bom humor, ao enrijecer obstinadamente o discurso ideológico e pragmático. Aos apreciadores da arte, resta deliciarem-se com as fitas de Sellers, Lewis, Stan e Lauren, Cantiflas, Oscarito e Grande Otelo, Buster Keaton, Chaplin, Irmãos Marx, Mel Brooks, Golias e tantos quanto o cinema e os palcos produziram e quase não forjam mais. Ainda nos restam Rowan Atkinson, Steve Martin, Jerry Seinfeld e Woody Allen, e mais uns poucos.

Peter Sellers morreu em 1980, aos 54 anos, vítima de... enfarte, desta vez fulminante. Em seu testamento pediu a execução da canção de Glenn Miller, In the Mood, em seu último ato de cínico deboche, pois odiava a música. Assim viveu e morreu o grande astro, sempre com aquela pontinha de humor inigualável, perspicaz e dichotesco.

Citações de Peter Sellers (traduzidas livremente)

- “Sou como todos os humoristas, me divirto enquanto estou atuando”
- “Conversa como televisão em lua-de-mel... é desnecessária!”
- “As pessoas nadarão na merda se lhe derem um pouco de dinheiro”
- “Quando uma amiga se torna muito cara, não há outra escolha senão se casar com ela”
- “Houve um tempo em que meu "eu" autêntico existia, mas eu o removi cirurgicamente”
- “Aprendamos a apreciar os momentos em que descobrimos as árvores e podemos recolher os frutos”
- “Cavalheiros, vocês não podem lutar aqui! Esta é a Sala de Guerra!”
- “Quem eu sou no mundo? Ah, um grande quebra-cabeças!”
- “Não será fácil, isto porque sempre fracasso onde outros têm sucesso!”
- “Se não consigo encontrar um jeito de viver comigo mesmo, não posso esperar que alguém viva comigo!”



• “Algumas formas da realidade são tão horríveis que recusamos enfrentá-las, a não que sejamos encurralados nela pela comédia. Considerar qualquer assunto inadequado para a comédia é admitir a derrota”

• “Ver-me como uma pessoa na tela deveria ser a experiência mais monótona que você deveria querer ter”



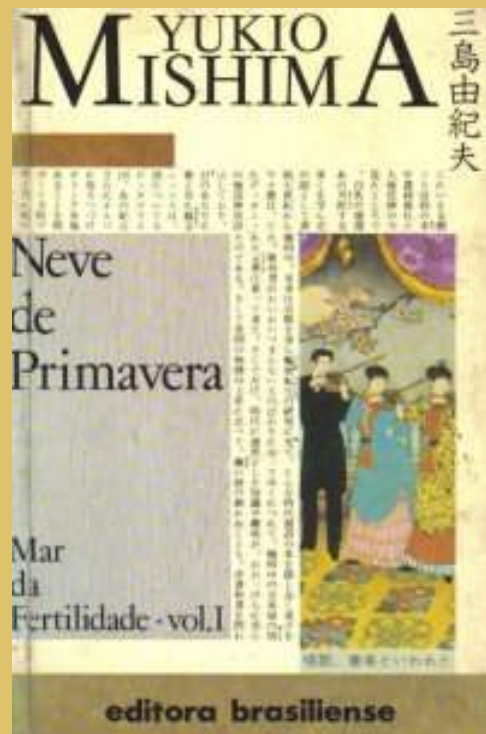
Desilusão e Morte em "Neve de Primavera" de Yukio Mishima

Jorge F. Isah

Neves de Primavera é um livro belo, melancólico, intimista e apaixonante. Terminei a leitura há mais de um mês e somente agora me dispus a escrever algo sobre ele. Primeiro, resalto o estilo refinado, elegante (diria clássico) na escrita de Mishima. Segundo, como outros autores japoneses contemporâneos, está em luta constante entre o Japão tradicional, anterior às Guerras Mundiais, e o país moderno e ocidentalizado após a derrocada no último conflito. Terceiro, a desilusão com a vida (muito distante do pedantismo e niilismo modernos, diga-se), a precariedade das relações onde as influências exteriores decretam o destino da vida à revelia dos desejos e vontades pessoais; em outras palavras, não existe autonomismo, e por mais que no Ocidente o discurso de independência seja propalado e difundido, não é real e está muito

além da capacidade individual de se garantir o futuro almejado ou a felicidade... Esta consiste de momentos fortuitos, quase arrancados a fórceps, entretanto cingidos pelos temores, perigos, vicissitudes íntimas ou públicas, a proclamar a todo tempo: alegre-se, enquanto é tempo! Quarto, a morte não alivia o sofrimento, mas se torna em passagem para o mundo metafísico (transmigração da alma ou reencarnação é um dos pilares do antigo espírito japonês) onde a carne, ao menos, é libertada.

Posto isso, escrever sobre o livro não é tarefa fácil, sem deixar algum spoiler. Esforçar-me-ei ao máximo para não fazê-lo... A história gira em torno da amizade de Kiyo e Satoko, criados juntos desde a infância e pertencentes às famílias de nobres nipônicos: Matsugae e Ayakura; aquela próspera financeiramente e em ascensão na aristocracia, enquanto a segunda desfrutava dos favores imperiais, mas estava em franca decadência.



Satoko é apaixonada por Kiyo que, apesar de reconhecer a sua beleza incomum e notável, não acolhe as suas investidas. Por terem-se criados juntos, talvez a veja como uma prima, uma jovem mimada e sempre disposta a colocá-lo em embaraços. E isso agrava-se pela têmpera introspectiva, quase sombria, de Kiyoaki. De poucos amigos, conecta-se apenas com Honda, colega de escola, estudioso, inteligente e compassivo, que praticamente "mendiga" o afeto de Kiyo, que, entretanto, não retribui similarmente, nem reconhece os esforços daquele, e mantém-se envolto em suas inquietações cotidianas; e, ainda, dois príncipes recém-chegados de Sião, a complementar seus estudos (na mesma escola de Kiyo e Honda), com os quais comunica-se apenas em inglês, já que não dominam fluentemente o japonês.

Os elementos de uma tragédia clássica estão instalados, entre os sentimentos e a razão, entre sonhos e realidade, o impossível e o tangível, o sal e o doce, culminam em frustrações e dores pelas próprias escolhas ou por deixar-se arrastar na avalanche de desejos incontrolláveis. E, neste aspecto, o menosprezo e o orgulho aliados à intransigência e pirraça acabam por "desencavar" o amor imersivo e torná-lo em obsessão, no desejo intenso, na excitação incomum, a perigar as próprias vidas, as famílias e até mesmo a estabilidade e a honra imperiais... Se por um lado Kiyo encontrava-se recluso em seu mundo, preocupado em não se expor ou fazer-se notado (a intimidade, partilha apenas com o tutor; ainda assim em raros momentos), num estado de letargia e desinteresse, o aflorar do amor torna-o impulsivo, descomedido, uma ameaça para si e todos ao seu redor. Nem a compaixão de Honda subsiste incólume, benéfica, ao satisfazer o pedido do amigo, a causar-lhe remorso e compunção pela falta de juízo, de avaliar corretamente a gravidade e consequências do seu ato solidário mas fatal.

Os conflitos e interesses estão todos lá, explícitos ou subentendidos, alçados pelo lirismo ou sensibilidade, pelo ímpeto ou hesitação, a simplificação e complexidade, ânimo e desespero, ou quantos mais substantivos se escreva, e ainda assim rasparão sutilmente a superfície da complexa e entrelaçada teia onde a humanidade é esmiuçada em seu exotismo e capricho.

Não é um livro pesado, a se carregar um fardo, muito menos enigmático, pois Mishima diz o que tem a dizer, e o diz tão harmônico e requintado que não se torna penoso ou suportável mas irresistível...

Yukio foi chamado de o “Thomas Mann nipônico”...

Não sou crítico literário, apenas leitor compulsivo e cauteloso com o passar do tempo, mas havendo peculiaridades entre eles, não o consideraria semelhante ao grande autor alemão. Ele é Yukio Mishima, ou melhor, Kimitake Hiraoka, seu verdadeiro nome, e para mim isso basta! Compará-lo, seja com quem for, é tirar um pouco do seu gênio e qualidade, ainda que eu saiba ser impossível, a qualquer escritor, não se apoiar nos ombros de autores do passado (Mann e Mishima foram, pode-se dizer, contemporâneos), reservando a cada um suas próprias idiossincrasias.

O Japão mudaria, se modernizaria, se ocidentalizaria, para o desgosto e aborrecimento do jovem tradicional, ao vê-lo fugir das próprias raízes e entregar-se ao materialismo hespérico. O livro versa também sobre isto, a sutil invasão de elementos alheios e desfigurantes da índole e caráter nipões.

E talvez, apenas talvez, a morte não seja a verdadeira derrota.

Avaliação: (****)

Título: Neve de Primavera

Autor: Yukio Mishima

Editora: Brasiliense

Páginas: 373

Sinopse: “Tóquio, 1912. O mundo hermético da antiga aristocracia da era Meiji está sendo invadido por ricas famílias das províncias sem o peso da tradição, com costumes e aspirações que imitam o modelo europeu da Belle Époque. Desta elite emergente faz parte o ambicioso marquês de Matsugae, cujo filho Kiyooki é enviado para a elegante família do conde Ayakura, membro da nobreza em declínio, para ser preparado a assumir seu lugar na corte quando atingir a maioridade. Ao longo dos anos, Kiyooki se vê às voltas com a tensão entre a velha e a nova aristocracia, ao mesmo tempo amando e odiando a elegante e animada Satoko Ayakura. Como testemunha das aventuras amorosas e sonhos de Kiyooki está seu único amigo, Honda Shigekuni”



ELUCUBRAÇÕES DE UMA TARDE VAZIA

crônica de Michel Salomão



Alguma coisa estranha está acontecendo com os relógios: as horas passam voando, os dias se embolam, as semanas, os meses e os anos se perdem na lembrança, e quando percebemos já estamos velhos.

Lembro-me de quando era adolescente e fazia 30 coisas diferentes em uma só tarde, e vale lembrar que naquele tempo eu andava à pé ou de ônibus, pois taxi era algo proibido em razão preço, e não existia Uber. Hoje tenho carro e mal consigo cumprir um único compromisso numa mesma tarde.

Quando era criança, o tempo passava tão lentamente que chegava a entrar em desespero, esperando minha mãe retornar das compras, do médico ou de outro compromisso, para poder soltar pipa ou jogar bola em frente à minha casa, pois ela não me deixava sair quando ficava sozinho, enquanto as minhas irmãs estavam na escola e eu estudava



pela manhã.

As tardes se arrastavam, e costumava construir castelos utilizando as folhas dos meus cadernos, fazia de dois, três ou mais andares, e depois pegava as caixas de fósforos e álcool que sabia onde ela escondia, raspava os palitos para fazer o cordão com pólvora, assim como nos filmes para explodir as dinamites, e incendiava tudo, tendo o cuidado de manter a distância. Também costumava subir no te-

telhado para ver os meninos brincando, o que era muito mais perigoso do que ir para a rua e ser atropelado, surrado pelos outros meninos, ser sequestrado ou abduzido, mas minha mãe nunca soube que eu fazia essas coisas, pois quando chegava me encontrava pacientemente sentado no sofá, e elogiava o meu bom comportamento, me presenteava com um pirulito ou uma bala e eu saía que nem cachorro solto da coleira, para aproveitar enquanto o sol não se punha, pois aí teria que tomar banho e fazer a lição de casa com ela, para depois jantar e assistir um pouco de televisão antes de dormir, sempre às 22 horas.



Já troquei de relógio três vezes, cheguei a comprar um desses digitais, que contam os passos, os batimentos cardíacos e a pressão arterial, mas a coisa só piorou.

Os governos devem estar escondendo alguma coisa a esse respeito. Eles sabem que o dia não tem mais 24 horas, mas ficam quietos enquanto buscam uma resposta para esse enigma, que deve ter alguma ligação com os ET's que ficam nos espreitando em suas naves, e que deve ser um prenúncio do fim do mundo. O fim está próximo, sempre me disseram, mas eu acho é que nós é que estamos próximos do fim.





Não quero ser fatalista, mas há algo de errado acontecendo no mundo, e parece haver um acordo entre os governantes para que o povo não enlouqueça e saia quebrando tudo. Ainda desconfio que sejam os ET's, e isso explica aquele caso Roswell, abafado pelo governo dos Estados Unidos, ou mesmo do ET de Varginha, quando duas meninas flagraram um alienígena fazendo um barro em um lote vago.

Um amigo resolveu estocar alimentos, para se guardar do Armagedon, mas expliquei para ele que, se acontecer, ele irá durar apenas um ou dois meses a mais do que os outros. Ainda assim, ele encheu a despensa e um dos quartos do apartamento com pacotes de todos os tipos de não perecíveis, mas que



Teorias da Conspiração são construídas todos os dias, algumas delas a respeito das mortes forjadas de Elvis Presley e Michael Jackson, que até hoje estariam vivos, e mesmo Hitler, que hoje estaria com uns 120 anos, mantido por aparelhos de longevidade sofisticadíssimos, os mesmos usados pela Rainha Elizabeth II, que só morreu porque faltou energia no Palácio Real e os estabilizadores de energia estavam com as baterias vencidas.

perecem como qualquer outros materiais orgânicos, quando aparecem aqueles carunchos e certos bichinhos estranhos que, em caso de fim do mundo, serão comidos com o resto até que acabe o estoque.



O tempo hoje em dia está tão curto que as pessoas não tem mais paciência para ler. Os textos precisam ser curtíssimos, as mensagens instantaneamente digeríveis, pois não podem perder tempo, considerando que precisam de mais tempo para não fazerem nada. Enquanto escrevi esse texto, milhões de coisas inúteis podem ter acontecido, a maior parte delas registradas em vídeos no Tik-Tok. E perdi tudo isso.

coluna do

ClodoKill

Fernandes

Ela gostava de banheiros. Se identificava com todos, mas especialmente os de hospitais e hotéis, desde que fossem individualizados e a limpeza fosse impecável. Os banheiros eram o seu porto seguro, o lugar onde poderia estar em paz consigo mesma, colocar uma música zen (gostava de new age, Enya e Kitaro em especial), e gastar-se em longas meditações onde tentava de todas as formas se esvaziar e integrar-se ao cosmos, sem questionamentos, dúvidas, certezas ou agitações cosmopolitanas; apenas a mente limpa, desguarnecida de juízos, apreensões e instabilidades, a vaguear nômade no infinito, indo muito além do discurso, de definições e palavras... Entretanto, ela explicava seus feitos privados através de um discurso apaixonado, definido pelos ensinamentos de Bodhidharma e sempre com muitas palavras.

Às vezes nem mesmo a sua vontade férrea e disposição inabalável de se concentrar no deflúvio mental resistia ao flato orgânico e esverdeado.

Vegetariana convicta, desde os 8 anos, se alimentava exclusivamente de frutas, vegetais e legumes; com o passar dos anos aderiu à ingestão natural desses ingredientes, comendo-os crus, sem qualquer processo moderno de cozimento, fritura ou assadura.

Tinha especial predileção por alface, agrião e gengibre, produzindo o odor parecido ao de um rebanho em campinas verdejantes... Por centenas de minutos, após dar descarga e sair, ninguém se atrevia a entrar no recinto. Então, em uma live, ouviu dicas naturistas de acender incenso Nag Champa, sândalo e sem fumaça, para não diminuir a camada de ozônio. A rotina mudou para muito melhor. Depois de entrar e trancar a porta, colocava duas ou três varetas no turíbulo de cristal, acendia-as, sentava-se em posição de lótus no vaso, fechava os olhos em busca da profunda abstração.

No trabalho todos à olhavam com estranheza, como se fosse um ET, gnomo ou duende, mas ninguém se aventurava a questioná-la, dadas as regras inclementes da empresa a proibir expressamente qualquer tipo de assédio moral, psíquico, físico ou emocional. Em grupos, todos se referiam a ela carinhosamente por “bruxinha”, até um auxiliar ser denunciado e demitido por justa causa, motivando os demais a silenciarem-se ou, em casos raros, referir-se a ela entre pares restritos e confiáveis.

Enquanto suas manias restringiam-se ao banheiro, o pessoal se fazia de cego, surdo e desnarigado. Entretanto, as coisas começaram a degradingar, à medida que o aumento drástico de permanência no toalete implicou na queda de produtividade geral, tanto dela como dos demais funcionários, obrigados a pegar o elevador, atravessar a rua e usar o sanitário do self-service. O aumento da procura fez o proprietário cobrar a taxa de R\$ 2,00 para usuário não cliente, e levou todos a participar do “programa de fidelidade” do restaurante, com direito a carteirinha com foto e tarja magnética.

Não satisfeita, começou a distribuir material holístico e esotérico; e após curta reunião com a administração solicitou a instalação de uma cadeira tipo “vaso sanitário” (De Imar Salatiel, mineiro de Carra Quatro, entusiasta de Duchamp) e ladrilhos e azulejos de damasco, sem costuras e com motivos florais, em sua sala, compartilhada com outros cinco colegas. Os gastos excederam todos os prognósticos, e adiou a reforma do andar para dali a cinco anos, forçando a empresa a subornar fiscais e assim protelar os reparos. Alguns, discretamente, reclamaram das mudanças, mas sem qualquer possibilidade de sugerir ou intervir na decisão, pois alegou-se entraves burocráticos e de força maior para manter a sala naquele estilo. Poucos, diga-se, imaginavam quais seriam os pretextos, talvez o fato dela ser binária, parda, e feminista nas horas vagas.

Com o tempo, todos se acostumaram, cancelaram a fidelidade no restaurante e o banheiro deixou de ser exclusivo, desde que não reservado entre nove e dez e quarenta e cinco. Então, todos se adaptaram naturalmente às mudanças orgânicas e viscerais, elaboraram uma escala de uso com alarmes, cronômetro e mais alarmes configurados na Alexa; se havia algum desavisado ou indisposto, podia sempre pagar os R\$ 2,00 no self-service.

Foi num banheiro público, no “Congresso Anual da Senda das Dezoito Trilhas”, que conheceu a mulher que seria o amor da sua vida. Estranhamente, o tema do simpósio era “acabar com o sofrimento e o desejo”, mas volúpia e química entre as duas se fez notar intensa e ardorosa desde o início. A partir daquele instante, os colegas de escritório passaram a conviver com ligações e mensagens trocadas quase ininterruptamente entre ela e sua parceira. Fotos de

ambas foram espalhadas sobre azulejos, móveis, e o descanso de tela era o “selinho”, o ruído pomposo e grotesco de um “smack” ao inicializar o notebook. Após nova reunião, decidiu-se pela retirada de todos os azulejos e ladrilhos, e a aplicação de adesivos decorativos em vinil com fotos da primadona, em vários flagrantes: na hora do café, ao acordar, diante da tv, na cozinha, no carro... retratos claramente oriundos de um profissional, mas declaradamente espontâneos.

Por meses os colegas conviveram com as emoções da colega, ora nas alturas, em outras abissais. O culto ao banheiro esvaiu-se. Parecia mesmo jamais ter existido. Nada nela transparecia o passado retrete. Até um belo dia em que as coisas pareceram desandar de vez.

A relação amorosa a degradingolar e sem expectativa de melhora. Tornou-se irritadiça, mal-educada, desbocada e agressiva. Duas vezes mandou o chefe para os quintos, se me entende. Ao reclamar com o gerente, este a chamou à sua sala e interpelou-a quanto aos “excessos verbais”, e acabou sendo enviado para o mesmo lugar do chefe. Todos souberam, porque os gritos infames podiam ser ouvidos a metros de distância. Ela bateu a porta ao sair, ainda histérica, em meios aos impropérios. Os colegas, estatelados e terrificados, mantiveram o silêncio sepulcral, quebrado vez ou outra pelos reclames de Ela: “o que está olhando?! Perdeu alguma coisa?!”... A atenção se voltava às tarefas, mas as mentes estavam dominadas pelo titubeio, entre responder ou maquinar uma

vingança.

Quase ao fim do expediente, Ela recebeu uma advertência do gerente, enviada por e-mail, quinze minutos depois de sair, enquanto tomava chopp na esquina.

No dia seguinte, Ela ficou em silêncio, acabrunhada, consternada, a emitir longos suspiros e contidos soluços. Matilde perguntou-lhe se podia ajudar em algo, a sensibilizar-se pela desolada figura, mas obteve apenas o olhar inflexível de dor e o mutismo inalterado e hostil o suficiente para manter os demais em preservada segurança.

Antes do almoço, num frenesi, pegou o estilete e riscou todas as fotos, e arrancou o máximo possível, junto com partes da pintura, que conseguiu enquanto o furor não se exauria. Não respondeu a nenhum dos “boa noites”, e ficou sozinha. Apagou as luzes... chorou copiosamente. Foi ao banheiro em busca de incentivo, mas não havia nada, nem sentimentos ou razão para estar ali. Como se o lugar fosse o patear de todas as bagatelas.

Na manhã seguinte, todos os funcionários receberam a dispensa do trabalho até a próxima jornada. O gerente quis chegar antes de todos, e chegou, a fim de evitar o encontro com Ela, por causa da advertência na véspera, e, por causa da bebedeira da noite, precisou ir ao banheiro. Lá se deparou com ela, deitada no piso gelido, as mãos presas ao porta-retrato vazio e, ao lado, imagens picotadas... E nenhum aviso.

LIBERTE SEU TALENTO

FAÇA TEATRO, CINEMA E TV

no Núcleo de Estudos Teatrais - NET

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site “www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

SPOILERS

AVATAR 2 - O CAMINHO DAS ÁGUAS

Avatar 2 é tão previsível quanto o seu primeiro episódio. Se eu disser que no final a família vence uma longa batalha, com a mãe lutando como uma leoa para defender os filhos, aprisionados pelo vilão da história, o Coronel Miles Quaritch, e que no final o filho mais novo morre, vão dizer que o filme é sem graça. E é exatamente isso. As pessoas vão ao cinema para ver os efeitos especiais, que em 3D ficam até legais, com peixinhos e outros bichos nadando na frente da tela, e de vez em quando dá vontade de levar a mão para ver se estão ali mesmo.



A franquia bilionária produzida pela 20th Century Fox, associada aos estúdios Disney e dirigida pelo famoso diretor James Cameron (o Exterminador do Futuro, entre outros) se passa no planeta imaginário Pandora, onde os seres são gigantes de aparência felina, com a pele azul com rajados da mesma cor, e levam a vida romanceada como a dos nossos indígenas, e vivem como num paraíso, até que se dá a chegada dos terríveis humanos. E aí o pau quebra o filme inteiro, com muitos efeitos especiais, tiro, porrada e bomba, raios laser e outras armas fantásticas, mas é claro que os nativos sempre vencem.



Neste episódio tudo se passa no reino das águas, onde vive uma outra população de azuizinhos, que o seu povo se adaptou a viver parte do tempo nos oceanos, e consequentemente as caudas deles até engrossaram, onde o líder da tribo resolve se mudar com a família, depois de ser caçado pelos terríveis terráqueos, que replicaram uma mistura genética de humanos e na'vis, que são os tais bichos azuis, ficando até mais fortes.

Os na'vis são bem diferentes dos humanos, são honestos, confiáveis, fiéis, são bravos guerreiros, e por isso são azuis, e não verdes. Mas a história, como disse, é bem manjada, e o que vale mesmo é encarar o balde de pipoca que custa R\$36,00, que temos que encarar para ver aproximadamente 150 minutos de filme, que mais parece um jogo de videogame.

Enquanto a gente fala sobre esse filme, já estão preparando as sequências 3, 4 e 5. Para quem já viu, o parque do Avatar, na Disney, é a coisa mais linda do mundo, e deve ser mesmo, mas ainda não fui lá, pois os preços das passagens, dos hotéis e dos restaurantes estão tão caros quanto a entrada do cinema, aqui no Brasil. E da pipoca, é claro.



PIADAS MAIS QUE MANJADAS

O passarinho

Um motoqueiro ia a 140 km/h por uma estrada quando de repente atropelou um passarinho. Pelo retrovisor, o cara viu o bichinho dando várias piruetas até ficar estendido no asfalto.

Não contendo o remorso, ele parou a moto e voltou para socorrer o bichinho. O passarinho estava lá quase morto. Era tal a angústia do motociclista que ele recolheu a ave e levou-a ao veterinário. Lá o passarinho foi tratado e medicado, e o veterinário disse que havia chances dele sobreviver. O homem comprou uma gaiolinha e levou a ave para casa, tendo o cuidado de deixar um pouquinho de pão e água para o acidentado.

No dia seguinte, o passarinho recupera a consciência. Ao despertar, vendo-se preso, cercado por grades, com o pedaço de pão e a vasilha de água no canto, o bicho põe as asas na cabeça e grita:

- Não acredito! Matei o motoqueiro!

Joãozinho

Joãozinho chega atrasado à escola. Quando ele entra na sala de aula, a professora diz:

- De novo atrasado, Joãozinho?

- Ué, professora! Não é a senhora que diz que nunca é tarde para aprender?

Amizade

Sempre que um homem entrava no bar, ele pedia duas cervejas, com a exigência de que elas fossem servidas ao mesmo tempo.

Certo dia, o garçom resolveu perguntar ao freguês por que ele sempre pedia duas cervejas. Afinal, não seria melhor pedir uma de cada vez?

- Uma é para mim. A outra é em homenagem a um grande amigo que mora muito longe daqui.

Um dia o homem entra no bar cabisbaixo e pede apenas uma cerveja. O garçom estranhou o pedido e perguntou se ele havia brigado com o amigo.

- Não é isso, não. É que eu parei de beber.

Diálogo

O que o pato falou pra pata?

Vem quá!

Namoro

Por que o namoro do engenheiro químico acabou?

Porque não rolava mais química, era um relacionamento puramente físico.

Concurso

Num concurso de morcegos, estavam fazendo uma disputa para ver quem era o melhor chupador de sangue. Chega o primeiro com a boca cheia de sangue e diz:

- Tá vendo aquela galinha morta ali? Fui eu.

Chega o segundo com a barriga tão cheia, mas tão cheia de sangue, que quase não conseguia voar. Ele diz:

- Tá vendo aquela vaca morta ali? Fui eu.

Chega o terceiro com sangue da cabeça aos pés, totalmente ensanguentado. O pessoal olha pra ele e fala: "Já ganhou, já ganhou". Então ele diz:

- Tá vendo aquele muro ali? Eu não tinha visto...

Acidente

Um funcionário de uma empresa sofreu um acidente de trabalho e teve que engessar o braço. Na hora de ir embora do consultório, ele perguntou ao médico da empresa:

- É muito grave, doutor?

- Não é grave, não. Pode ficar tranquilo.

- Eu vou poder tocar piano?

- Claro! Em um ou dois meses.

- Que legal! Eu nunca tinha tocado piano na vida!

Joãozinho II

A mãe se surpreendeu quando viu Joãozinho ajoelhado ao lado da cama, de mãos postas e tudo mais. Estava rezando! Só podia ser um milagre!

- O que você está fazendo, meu filho?

- Rezando, mamãe.

- Sim, isso eu estou vendo. Mas está rezando por quê?

- Para que o rio Amazonas vá para Minas Gerais.

- Mas por quê?

- Porque foi isso que eu escrevi na prova hoje.

Rebeldia

Você sabe qual é o cúmulo da rebeldia?

Morar sozinho e fugir de casa.

O Advogado e o Engenheiro

Um advogado e um engenheiro estão pescando no Caribe. O advogado comenta:

- Estou aqui porque minha casa foi destruída num incêndio com tudo que estava dentro. O seguro pagou tudo.

- Que coincidência! - diz o engenheiro. - Minha casa também foi destruída num terremoto e perdi tudo. E o seguro pagou tudo.

O advogado olha intrigado para o engenheiro e pergunta:

- Como você fez para provocar um terremoto?